

Diz aí pessoa docente: partilhas sensíveis entre professores e professoras de história

Voicing teaching practice: sensitive exchanges among history teachers

Enunciaciones de la práctica docente: intercambios sensibles entre profesores y profesoras de historia

Jezulino Lúcio Mendes Braga*

Márcia Fernandes da Cunha**

Resumo: O artigo apresenta o recurso educativo *Diz aí, pessoa docente!*, um espaço digital voltado ao compartilhamento de experiências educativas de professores e professoras de História em museus e espaços de patrimônio cultural. A partir do relato de uma visita escolar ao Palácio da Liberdade, conduzida pela professora Márcia Fernandes, discute-se o papel da experiência sensível na formação docente e na mediação cultural. Fundamentado em autores que tratam dos saberes docentes, da educação sensível e da relação entre memória, cultura e ensino, o texto destaca a importância do protagonismo docente na construção de narrativas críticas e situadas. Defende-se que o compartilhamento de vivências e a criação de espaços colaborativos, físicos ou virtuais, potencializam a autonomia interpretativa dos educadores, fortalecendo a presença do professor como sujeito aprendente e mediador cultural. O estudo evidencia a necessidade de políticas públicas que promovam o acesso docente a museus para fruição e formação contínua, ampliando repertórios e sensibilidades no ensino de História.

Palavras-chave: Educação sensível; museus; mediação cultural; saberes docentes.

* Doutor em Educação pela UFMG. Professor do curso de Museologia e do Programa de Pós-graduação em Educação e Docência da Faculdade de Educação da UFMG-PROMESTRE. <https://orcid.org/0000-0002-7014-2931>

** Mestra em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação e Docência da Faculdade de Educação da UFMG-PROMESTRE. Professora da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte. <https://orcid.org/0009-0007-3134-0373>



Abstract: This article presents and analyzes the *Diz aí, pessoa docente!* project, a digital platform for sharing educational experiences of History teachers in museums and cultural heritage spaces. Based on the account of a school visit to the Palácio da Liberdade, conducted by teacher Márcia Fernandes, it discusses the role of sensitive experience in teacher training and cultural mediation. Grounded in authors who address teacher knowledge, sensitive education, and the relationship between memory, culture, and teaching, the text emphasizes the importance of teacher protagonism in building critical and context-based narratives. It argues that sharing experiences and creating collaborative spaces, both physical and virtual, enhance teachers' interpretive autonomy, strengthening their role as learning subjects and cultural mediators. The study highlights the need for public policies that promote teachers' access to museums for enjoyment and continuous training, broadening repertoires and sensitivities in History teaching.

Keywords: Sensitive education; museums; cultural mediation; teacher knowledge.

Resumen: El artículo presenta el recurso educativo *Diz aí, pessoa docente!*, un espacio digital destinado al intercambio de experiencias educativas de profesoras y profesores de Historia en museos y espacios de patrimonio cultural. A partir del relato de una visita escolar al Palacio da Liberdade, guiada por la profesora Márcia Fernandes, se discute el papel de la experiencia sensible en la formación docente y en la mediación cultural. Fundamentado en autores que abordan los saberes docentes, la educación sensible y la relación entre memoria, cultura y enseñanza, el texto resalta la importancia del protagonismo del profesorado en la construcción de narrativas críticas y situadas. Se defiende que el intercambio de vivencias y la creación de espacios colaborativos, físicos o virtuales, potencian la autonomía interpretativa de los educadores, fortaleciendo la presencia del profesor como sujeto que aprende y mediador cultural. El estudio evidencia la necesidad de políticas públicas que promuevan el acceso del profesorado a los museos para la fruición y la formación continua, ampliando repertorios y sensibilidades en la enseñanza de la Historia.

Palabras clave: Educación sensible; museos; mediación cultural; saberes docentes.



Introdução

Este artigo apresenta e discute a proposta do site *Diz aí, pessoa docente!*¹ Elaborado para se constituir como um espaço digital, voltado ao compartilhamento de experiências educativas vividas por professores e professoras de História em sua relação com museus e com o patrimônio cultural. O site foi elaborado como um recurso educativo e parte da compreensão de que os saberes docentes não se constroem apenas nos cursos de formação inicial ou continuada, mas, também, a partir de vivências sensíveis, situadas e interpretativas em territórios educativos diversos. Ao valorizar o protagonismo docente, o site propõe-se como um ambiente de escuta entre pares e de construção coletiva de repertórios formativos, oferecendo a estes profissionais a possibilidade de narrar, refletir e socializar suas experiências pedagógicas com o patrimônio cultural.

O texto deste artigo analisa um dos relatos publicados no site, escrito pela professora Márcia Fernandes (uma das autoras), que narra sobre uma visita escolar ao Palácio da Liberdade, em Belo Horizonte (MG). A partir dessa experiência são discutidas as possibilidades de formação docente que emergem do contato com o patrimônio cultural, com ênfase na dimensão sensível, nos deslocamentos interpretativos e no papel da mediação humanizada. Argumenta-se que espaços como o *Diz aí, pessoa docente!* contribuem para consolidar o museu como território de formação contínua, bem como fortalecer a presença do educador como sujeito que aprende, sente e transforma o olhar dos estudantes sobre a história e a cultura (Braga, 2014).

Parte-se da hipótese de que a presença docente em museus e espaços de memória, quando vivenciada como fruição formativa, amplia repertórios culturais, ativa os aspectos sensíveis da aprendizagem e potencializa a prática pedagógica crítica e situada. Além disso, considera-se que o compartilhamento dessas experiências em ambientes colaborativos, constitui uma estratégia potente de formação continuada, na medida em que permite ao professor se reconhecer como sujeito que aprende, narra, interpreta e ensina, a partir de sua própria experiência. Assim, o artigo propõe que a mediação cultural exercida por docentes pode ser enriquecida não apenas por saberes sistematizados, mas, também, por vivências afetivas, memórias sociais e deslocamentos interpretativos provocados pelo contato direto com o patrimônio cultural (Pereira; Braga, 2013).

Do ponto de vista teórico, o artigo dialoga com autores que tratam dos saberes docentes como construções históricas e experienciadas (Nóvoa, 2003; Tardif, 2011; Teixeira, 2007), das práticas educativas como expressão de sensibilidades (Duarte Júnior, 2004; Merleau-Ponty, 1999) e da relação entre memória, cultura e formação (Pesavento, 2004; Rancière 2005). Também se inspira em estudos que problematizam o lugar dos museus na formação de professores (Braga, 2014; Pereira, 2009), questionando práticas educativas que reduzem o papel do docente a mero executor de visitas

escolares. Igualmente este texto se apoia em teorias que defendem políticas e ações que reconheçam o professor como interlocutor ativo nesses espaços. A análise do relato e da proposta do site permite refletir, portanto, sobre a necessidade de ampliar o entendimento da educação patrimonial como um campo formativo que integra razão e sensibilidade, prática e reflexão, técnica e experiência.

Museus como cenários para uma educação sensível

Partimos da premissa de que os museus convidam a uma aprendizagem sensível da cultura, um dos desafios enfrentados pelos professores de História. Por essa razão, entendemos que estas Instituições se constituem como espaços potenciais para a formação docente, que seja processual, crítica e reflexiva (Braga, 2014).

Os professores vivenciam experiências em diversos contextos, tais como: no exercício do trabalho, no desfrute cultural, em ambientes familiares, em discussões políticas, nos sindicatos, associações de bairro, assim como em instituições religiosas. Essas vivências impactam diretamente os saberes dos professores e mobilizam suas maneiras de ensinar (Monteiro, 2007).

De acordo com Tardif (2011), o saber dos professores é, simultaneamente, individual e social, pois resulta tanto das experiências pessoais quanto das interações e confrontos ocorridos na sociedade. A condição docente é intrinsecamente humana e, nas relações estabelecidas com o outro, surgem tensões e conflitos, mas também partilhas, trocas e interações diversas, as quais se refletem na forma como o educador concebe a educação e dá sentido à sua profissão. Teixeira (2007) aponta que é fundamental que as pesquisas reconheçam o lado humano dos professores, considerando suas vidas, trabalhos, experiências, identidades e histórias, bem como suas formas de se posicionar no mundo. Ao estudar a condição docente, a autora afirma que, acima de tudo, a profissão se estabelece na relação com os estudantes. Nessa relação, há trocas, reinvenções, conflitos e resistências, comuns a qualquer relação de alteridade. O docente é um sujeito sociocultural, historicamente construído, “cuja condição de existência, cuja origem primeira está na corporeidade, que se inscreve, por sua vez, nas temporalidades do transcurso da existência humana, nas rítmicas da vida biopsicossocial e nos ciclos vitais” (Teixeira, 2007, p. 430).

Teixeira (2007) também enfatiza que a formação docente se dá em contextos sócio-históricos temporais, seja porque ocorre nas relações entre sujeitos com distintos posicionamentos nos ciclos da vida, seja porque o desenvolvimento cognitivo e emocional de cada pessoa possui ritmos e temporalidades próprias.

Concordamos com Tardif (2011) e Teixeira (2007) quando afirmam que os professores são sujeitos historicamente construídos, de quem as experiências desempenham papel fundamental no desenvolvimento profissional, especialmente na avaliação de

suas práticas e na mobilização de saberes para o ensino. Sob essa perspectiva, entendemos que a visita a museus constitui uma oportunidade de formação em serviço, na medida em que amplia repertórios culturais, promove reflexão sobre conteúdos e metodologias, bem como estimula novas abordagens pedagógicas a partir do contato com acervos, narrativas e mediações especializadas.

Além disso, os museus propiciam ao professor uma vivência que extrapola a dimensão cognitiva, uma vez que esses espaços incorporam aspectos sensoriais, estéticos e afetivos que enriquecem a atuação profissional e fortalecem o vínculo entre educação escolar e patrimônio cultural (Pereira; Oriá, 2012). Assim, defendemos que a experiência museal não se restringe a uma atividade extracurricular, mas se configura como ação formativa estratégica na consolidação da identidade docente e no desenvolvimento de competências essenciais para o exercício da profissão (Pereira; Braga, 2013).

Ao visitar museus, a formação do docente passa, necessariamente, pela dimensão da sensibilidade. Trata-se de um processo que vai além da apreensão de conteúdos e informações. Envolve um contato direto com cores, formas, texturas, sons, odores e narrativas que despertam percepções e emoções. Nessa perspectiva, compreendemos essa vivência como uma formação sensível, centrada no sujeito e nas suas relações com o mundo, na qual a experiência estética e perceptiva se torna constitutiva do aprendizado. Conforme Merleau-Ponty (1999), a relação dos seres humanos com as coisas no mundo se estabelece por meio dos saberes sensíveis e do conhecimento tácito, implicando uma interpretação ativa dos estímulos exteriores que, incorporados à experiência, passam a integrar as práticas e as mediações culturais realizadas pelo professor. Como afirma o autor:

Tudo o que sei do mundo, mesmo devido à ciência, o sei a partir de minha visão pessoal ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência nada significariam. Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido, e se quisermos pensar na própria ciência com rigor, apreciar exatamente o seu sentido e seu alcance, convém despertarmos primeiramente esta experiência do mundo da qual ela é expressão segunda. (...) Retornar às coisas mesmas é retornar a este mundo antes do conhecimento cujo conhecimento fala sempre, e com respeito ao qual toda determinação científica é abstrata, representativa e dependente, como a geografia com relação à paisagem onde aprendemos primeiramente o que é uma floresta, um campo, um rio (Merleau-Ponty, 1999, p. 6).

A sensibilidade está no campo da criatividade, da imaginação e da leitura poética que fazemos de nossas relações com as coisas, compartilhadas com outros seres humanos em nosso universo relacional. A educação das sensibilidades é um processo que confere atenção aos nossos fenômenos éticos, estéticos e políticos; reconhece o

fundamento sensível da existência humana e propicia seu desenvolvimento. Orientado por pressupostos de educação sensível, o educador pode criar oportunidades de formação que ampliem a convivência, desenvolvem a criticidade e a sensibilidade, de modo que o sensível e o inteligível se complementem (Braga, 2014).

O conceito de educação sensível defendido por João Francisco Duarte Júnior (2004) é central para a construção de uma prática educativa, que integra a arte e o conhecimento sensorial ao processo de formação do ser humano. Duarte Júnior argumenta que a educação deve ser capaz de desenvolver o sujeito de forma integral, de maneira a despertar sua sensibilidade para o mundo que o cerca, e não apenas por meio do ensino racional e técnico. Ele sublinha que a arte, e em particular a literatura, é uma ferramenta essencial para mobilizar o conhecimento sensível, além de promover empatia e a ativação da subjetividade do aluno. De acordo com o autor é preciso investir em

[...] Uma educação que reconheça o fundamento sensível de nossa existência e a ele dedique a devida atenção, propiciando o seu desenvolvimento, estará, por certo, tornando mais abrangente e sutil a atuação dos mecanismos lógicos e racionais de operação da consciência humana [...] (Duarte Júnior, 2004, p. 177).

Embora os museus representem espaços privilegiados para a formação docente, é importante reconhecer que a presença de professores nesses locais ocorre, em grande parte, vinculada a atividades escolares, acompanhando turmas de estudantes. Não existem dados de pesquisa que demonstrem a frequência de professores e professoras aos museus como sujeitos em busca de fruição individual, de contato pessoal e autônomo com a cultura e o patrimônio. A ausência de visitas, desvinculadas da função escolar, limita a possibilidade de vivências mais livres, subjetivas e sensíveis, que poderiam ampliar repertórios, inspirar práticas pedagógicas e fortalecer vínculos afetivos com o universo cultural. Tal cenário é agravado pela carência de políticas públicas consistentes que incentivem e viabilizem o acesso de docentes a espaços culturais, tanto para atividades formativas quanto para experiências de fruição. Sem estratégias de fomento, subsídios e programas estruturados, a formação cultural do professor permanece dependente de iniciativas pontuais, reproduzindo desigualdades e restringindo o potencial transformador das experiências museais na prática pedagógica.

Pesquisa nacional divulgada em 2024 indica que apenas 11% das escolas brasileiras levam com frequência seus alunos a museus ou espaços culturais, e apenas 1% o faz “sempre”. Já 39% raramente, ou nunca, realizam esse tipo de atividade, sendo a falta de recursos apontada por 82% dos respondentes como o principal obstáculo. Esses dados evidenciam a fragilidade das políticas públicas voltadas ao acesso escolar a equipamentos culturais, mas revelam também um aspecto pouco discutido, carência de iniciativas específicas para promover a presença dos professores nesses espaços como

sujeitos autônomos, para além do papel de acompanhantes de turmas (Fundação Itaú, 2025).

Em geral, a preocupação recai sobre a visita escolar enquanto atividade discente, negligenciando-se o potencial formativo que experiências museais individuais e não mediadas poderiam ter para a ampliação da cultura geral, da sensibilidade e do repertório pedagógico do docente. Essa lacuna reforça a necessidade de políticas que não apenas facilitem a ida das escolas aos museus, mas também valorizem e incentivem o docente como visitante fora do contexto escolar.

O docente, enquanto sujeito em processo de aprendizagem contínua, desenvolve sua capacidade de mediação cultural a partir das experiências e das condições em que se encontra. Embora ainda sejam limitadas, algumas pesquisas têm buscado entender a relação dos professores com diferentes manifestações culturais. Um estudo realizado por Gatti e Barreto (2009), embora não seja tão recente, oferece um panorama da formação docente no Brasil e aponta as preferências culturais dos professores daquela época. Os resultados revelam que o cinema era a atividade cultural mais frequente, com 42,8% das indicações, seguido por shows ou concertos musicais (23,9%), espetáculos teatrais (16,9%) e dança (10,5%), sendo que 5,9% dos entrevistados alegaram não participar de atividades culturais. Curiosamente, museus e centros culturais não figuram entre as opções, evidenciando uma distância histórica entre os docentes e esses espaços culturais. Apesar do tempo decorrido desde a pesquisa, esses dados sugerem a necessidade de ampliar e diversificar as experiências culturais dos professores, o que pode contribuir para o fortalecimento da mediação pedagógica e a construção de repertórios mais ricos no processo de ensino-aprendizagem.

Ressalta-se que ao visitar museus, docentes têm a oportunidade de ampliar seus repertórios culturais por meio do contato com acervos, exposições e narrativas que oferecem novas perspectivas sobre a história, a arte, a ciência e a cultura. Essas experiências não apenas enriquecem seu capital cultural, mas também favorecem a incorporação de referências, exemplos e abordagens pedagógicas mais diversificadas em sala de aula. Para professores e professoras de História em particular, o museu constitui um espaço privilegiado para o estudo do tempo, pois oferece contato direto com vestígios materiais, narrativas e representações que possibilitam compreender processos históricos, estabelecer relações entre passado e presente e problematizar a construção da memória coletiva conforme aponta Braga, a saber:

Os docentes escolhem o museu como estratégia para ensinar história porque acreditam que a exposição é uma oportunidade de visualizar os conteúdos escolares e relacioná-los às experiências vividas dos estudantes. Ainda que tenham objetivos definidos, acreditam que as relações intersubjetivas no momento da visita ajudam a romper com um ensino racionalizado em uma perspectiva cartesiana que desconsideram as sensibilidades (Braga, 2014, p. 213).

Seria fundamental que os museus desenvolvessem ações formativas, voltadas especificamente para docentes, considerando suas expectativas, necessidades e trajetórias profissionais. Isso implicaria realizar pesquisas com esse público, a fim de compreender seus interesses, desafios e demandas relacionadas ao uso do espaço museal em sua prática pedagógica.

A educação museal atravessa experiências sensíveis e que, por isso, desenvolver programas e projetos destinados aos professores é um recurso potencial, capaz de contribuir com sua formação crítica e reflexiva (Braga, 2017). No entanto, muitas instituições ainda concentram suas ofertas na preparação do docente para visitas acompanhadas de estudantes, restringindo-se a aspectos operacionais e informativos sobre as exposições.

De acordo com Carvalho e Gewerc (2023), as palestras, workshops e oficinas voltadas ao público docente, em muitos casos, têm como principal objetivo instrumentalizar a prática em sala de aula e preparar para visitas escolares. Embora reconheçam a relevância dessa preparação, as autoras destacam que restringir a presença do professor no museu apenas a esse propósito reduz significativamente o potencial formativo e cultural que esses espaços possam oferecer.

A formação sensível e crítica dos professores requer experiências que extrapolem o caráter instrumental e permite que se tornem sujeitos aprendentes, capazes de vivenciar, interpretar e ressignificar o patrimônio a partir de suas próprias percepções e referências culturais. Ao ampliar esse horizonte, fortalece-se, não apenas a dimensão pedagógica das mediações, mas, também, sua potência estética, política e social, além de criar condições para que o docente mobilize sua fruição pessoal como recurso para construir narrativas educativas mais significativas e conectadas às realidades de seus estudantes.

O uso dos museus para o ensino de história e a experiência docente

O programa *Circuito de Museus* da rede Municipal de ensino de Belo Horizonte, destinado à acessibilidade de estudantes da educação básica a aparelhos culturais como museus, teatros, parques, clubes, entre outros têm como objetivo o “desenvolvimento de habilidades de articulação de ideias, apreciação estética e interpretação dos significados”². Para participar deste programa, professores e professoras elaboram um projeto que justifique a necessidade de visita ao circuito escolhido e que especifique com quais turmas deseja realizar a atividade. As chamadas “Aulas Passeio”³ são programadas em acordo com a gestão da escola, que disponibiliza transporte, lanche e toda a logística necessária para a saída dos estudantes.

Trata-se de iniciativa relevante, levando-se em consideração a escassez de oferta de programas culturais por parte das redes de ensino para as escolas. No entanto,

no caso dos museus, percebemos certo pragmatismo que envolve as visitas, uma vez que são feitas em horários predeterminados pelas equipes de educadores destas instituições. Adicionalmente, a experiência de visitas se torna diminuta, em função da pouca capacidade de relacionar o momento da visita com atividades prévias desenvolvidas em sala de aula.

Sendo assim, apesar de ser uma iniciativa significativa para a aprendizagem sensível dos estudantes, a maioria das Aulas-Passeio acabam por tornarem-se experiências efêmeras e muitas vezes pouco potentes para relacionar a educação pelo patrimônio com questões socialmente vivas, como por exemplo, o direito à cidade, cultura e lazer.

No que se refere ao ensino e aprendizagem de história, as Aulas-Passeio podem potencializar as reflexões sobre presente, passado e futuro, a partir do patrimônio cultural em uma prática dialógica, que descortine os projetos de memória presentes na sociedade. Possibilita, igualmente, que professores e estudantes possam questionar a própria constituição de cada patrimônio como tal e, a partir daí, construir vínculos, valorizar a diversidade e defender o direito à memória (Braga, 2014).

Em 2019 a professora Márcia Fernandes, uma das autoras do artigo publicado no site “Diz aí pessoa Docente”, visitou o Palácio da Liberdade em Belo Horizonte com estudantes do 9º ano do ensino fundamental da rede municipal. Como professora das turmas, escreveu um relato, refletindo sobre a experiência da visita, do qual transcrevemos a seguir:

Ao descermos do ônibus, os mediadores nos conduziram a uma espécie de tenda nos jardins do Palácio. Fizeram uma exposição rápida dos atrativos, além de demonstrar o estilo arquitetônico e a origem das ideias que definiram os contornos das construções. A partir de então, os mediadores deram-me total autonomia na condução da visita, o que até então era novidade nos passeios culturais promovidos pelas redes de ensino. Mas, mesmo conferindo-me esta autonomia, havia uma mediadora para dar apoio e responder questionamentos específicos que fugissem ao meu conhecimento prévio.

Em continuidade à visita, adentramos os jardins do palácio e foi possível perceber os olhares perplexos dos estudantes diante de tanta beleza, organização e limpeza. Os estudantes, um pouco tímidos e desconfiados em virtude da guarita da Polícia Militar já na entrada, se colocaram a observar atentamente a suntuosidade das construções. Era possível ouvir expressões como “nossa...”, “meu deus que lindo!”, “pra que isso tudo?”, “olha o jardim...!”. Atenta na medida do possível a tais expressões, iniciamos a visita pela sala de cinema. Nesta sala, assistimos a um vídeo que relatava à fundação da cidade de Belo Horizonte, a escolha do espaço para a construção do palácio, os panoramas das paisagens, as tendências arquitetônicas, os atores envolvidos nas construções e uma série de outras informações que tratavam da ocupação do monumento por políticos. Além

disso, comentaram rapidamente sobre as manifestações históricas que levaram grande público à Praça da Liberdade, como o ato contra o nazismo durante a Segunda Guerra Mundial. Em um breve momento, também foi dito a respeito da ocupação da sociedade periférica (neste caso, considerando o conceito relacional de periferia) durante as feiras denominadas “feiras Hippy”, surgidas no final da década de 1960⁴. A reação dos alunos foi de apatia em quase maioria deles. Olhavam os vídeos e não esboçaram interesse. Foi então que iniciamos o percurso do lado de fora do palácio. Passei a refletir e então decidi empreender uma abordagem mais humanista e mais próxima da realidade daqueles alunos. De imediato, abordei a questão da ocupação. Pedi que alunos observassem à sua volta, identificassem ali alguma possibilidade de desmoronamento ou inundações, tão reais na vida de grande parte dessas pessoas. Após alguns segundos, sugeri que refletissem sobre a escolha daquele local para construir o Palácio. Imediatamente, uma das alunas respondeu que “ali, só moraria gente rica”. Outro aluno emendou a frase: “e branca”. Todos riram, com um resquício de desapontamento. Informei-lhes a respeito da possibilidade de ter existido um quilombo no local e como consequência da construção, o governo da época promoveu o deslocamento daquelas pessoas quilombolas para algum lugar que não está registrado no acervo do Palácio. Informei-lhes que ali não haveria a informação do destino delas. Exceto a respeito de uma mulher que se tornou uma “lenda urbana”, a Maria Papuda. Informei que esta mulher foi uma “pedra no sapato” da comissão construtora, pois se negava a sair de sua casa para dar lugar à construção do Palácio. E na época, esta mulher havia rogado uma “praga” a quem ocupasse o Palácio. Segundo ela, todos os governantes que ali residiam, morreriam ali dentro! Conteí que coincidentemente, dois deles realmente morreram! Ficaram atentos e curiosos sobre o destino da mulher e a veracidade da informação. Sugeri que pesquisássemos quando retornássemos à escola, mas que antes, pensássemos o quanto é recorrente o deslocamento de pessoas pobres, para dar lugar a grandes empreendimentos. Que pensassem nas ações ajuizadas para desocupação de imóveis, despejos, retomada de terras improdutivas ocupadas por movimentos dos sem-terra e outras situações que ocorrem indiscriminadamente, sem que haja verdadeira preocupação com os sujeitos afetados. Ao entrarmos no prédio, vislumbraram as ante-salas decoradas em estilo europeu, com lustres e mobílias notadamente caras, principalmente para o contexto em que foram adquiridas. Ao perceber o interesse deles em relação aos objetos, perguntei se eles tinham alguma ideia da origem dos recursos usados na compra daqueles artefatos. Ficaram em silêncio até que outro aluno respondeu com outra pergunta: “do nosso bolso, professora?”. Sugeri que refletissem sobre o assunto. Que se aprofundassem naquela expressão dita, pois há muito mais complexidade em relação ao dinheiro público envolvido nestas construções, do que simplesmente a identificação dos impostos como subsídio para arcar com tanto luxo. A partir de então, solicitei à mediadora de apoio que explicasse de onde vieram a escadaria do palácio, o lustre, as obras de arte, os tapetes, os adornos em geral. Ela respondia um pouco receosa, pois percebeu o impacto causado



naqueles alunos a respeito do uso do dinheiro público e os privilégios que este mantém a um grupo específico da sociedade. Com o objetivo de tratar a questão da importância da preservação e respeito ao patrimônio público, sugeri que refletissem sobre as condições do prédio, que estava bem conservado. Muitos disseram que sim, outros disseram que “tinha cheiro de coisa velha”, outra alegou que “se eu vender esse lustre compro uma casa nova pra minha mãe” e alguns se calaram, apenas observavam. Na sala de jantar, uma das partes mais belas do palácio, sugeri que se imaginassem sentados àquela mesa, a convite do governador, para tratar de assuntos relacionados a questões sociais, de infraestrutura e demandas diversas que permeiam a vida dos trabalhadores e da sociedade de modo geral, mas que são tratadas entre seus representantes eleitos. A reação foi de muita gargalhada e brincadeiras. Diziam entre outras coisas, que jamais se veriam ali, pois são pobres e ali era destinado a pessoas brancas e ricas. Passaram a observar as obras de arte que também retratavam pessoas brancas, de artistas europeus. Foi quando uma das alunas, perguntou se em um dos quadros, “aquela mulher branca em que o homem negro se debruça em agradecimento, era a princesa Isabel”. Respondi que sim. Todos ficaram em silêncio observando o quadro. Ao final da visita, já na saída do Palácio, há um quadro em preto e branco, colocado à direita e abaixo do nível da escadaria. Paramos diante dele. A mediadora disse que aquele quadro retrata a construção do palácio. Pedi para que os alunos identificassem nele, a comissão construtora, composta pelos renomados engenheiros e que inclusive, cederam seus nomes às principais avenidas da cidade. Não os encontraram. Identificaram apenas trabalhadores braçais, negros, moribundos, carregando pedras, mas nenhum deles tinha um nome. Perceberam que nenhum deles havia sido representado durante a visita. Por fim, após o tão esperado lanche, voltamos para a escola. Falamos sobre ausências, sobre privilégios, sobre ocupações, sobre o uso do dinheiro público para a manutenção desses privilégios, falamos de inundações, de buracos, de falta de moradia, de espaços irregulares, de falta de água e esgoto. Tentamos descobrir o destino dos moradores do quilombo e da famosa “Maria Papuda”, mas sem sucesso. Falamos de pessoas invisíveis. De política de governos e suas formas de governar e para quem governam. Encerramos o trabalho com a produção de um texto, no qual os alunos deveriam falar sobre o seu lugar na história de Belo Horizonte. O resultado foi impressionante. Não encontraram o seu lugar. Estavam ausentes (Cunha, 2021, p. 22).

O episódio descrito evidencia que o protagonismo docente na mediação cultural está intrinsecamente ligado à sua condição de sujeito aprendente (Nóvoa, 2003), em constante reposicionamento dos saberes. Ao assumir a condução da visita, a professora Márcia mobilizou saberes experienciais (Tardif, 2011) e transformou uma proposta institucional padronizada em um exercício crítico de leitura do espaço e da história. Sua atuação ressignificou o patrimônio, aproximando-o das vivências e inquietações dos estudantes, o que só foi possível graças à sua sensibilidade para perceber a di-



menção humana e social inscrita no lugar. Sob a perspectiva fenomenológica de Merleau-Ponty (1999), a docente interpretou o espaço a partir de sua própria percepção encarnada no mundo, valorizando os elementos que dialogavam com a realidade dos alunos.

Antes da visita com estudantes, a professora havia participado de dois encontros que culminaram na visita da referida Instituição, permitindo, deste modo, a fruição e o despertar de sensibilidades na docente, partindo de experiências oriundas de suas vivências e de seu próprio saber histórico⁵.

Essa experiência evidencia a relevância de ações formativas específicas para docentes nos museus. A realização de uma visita prévia, voltada à fruição e ao estudo, potencializa a autonomia interpretativa do professor, qualifica suas mediações e fortalece o papel do museu como espaço de formação docente contínua. Esse relato exemplifica os argumentos desenvolvidos anteriormente acerca da importância da experiência sensível na formação docente em contextos museais. A vivência, resultante da relação entre sujeito e patrimônio, mostrou-se relevante em todas as dimensões, que vão desde a visita prévia realizada pela professora Márcia, passando pelas interações e questionamentos surgidos ao longo do percurso, até a produção final dos alunos (Braga, 2017).

As sensibilidades mobilizadas não se limitaram ao que era visível nos objetos expostos, mas emergiram de significados implícitos em sua constituição e de questões latentes, suscitadas pelo encontro com o espaço. Foram justamente essas percepções, manifestadas no processo de fruição, que definiram o tom da visita, convertendo o que poderia ter sido uma mediação convencional em uma oportunidade de reflexão crítica sobre presenças e ausências na narrativa histórica, especialmente no que se refere aos sujeitos invisibilizados na construção do Palácio, símbolo político central da cidade. Nesse movimento, a estratégia inicial, centrada na apreciação estética e na interpretação de significados como prevista na ementa do projeto, foi espontaneamente rearticulada pela docente. Essa rearticulação decorreu da percepção de que a mera contemplação não seria suficiente para criar vínculos significativos entre patrimônio e realidade vivida pelos participantes, exigindo uma mediação que articulasse memória, história e experiência social (Pereira, 2009). O que podemos observar pelo relato é o encontro entre experiência e sentidos, entre racionalidade e sensibilidade, entre o conhecimento cognitivo e as vivências dos sujeitos e de sua relação com o patrimônio (Duarte Júnior, 2004). Nesse processo, ocorre uma interação constante entre os saberes adquiridos, que oferecem explicações sobre a realidade, e as emoções despertadas pelas experiências vividas. Tais emoções, independentes do conhecimento inteligível ou de normas morais e sociais, ultrapassam as interpretações racionais e transformam-se em representações subjetivas, enraizadas na memória e na experiência singular de cada indivíduo. Um local, um objeto, uma música, um aroma, uma imagem ou um edifício, em suma, qualquer elemento constitutivo do patrimônio pode atuar

como dispositivo capaz de evocar sensações ligadas a experiências de vida, moldadas pelas condições históricas e sociais em que cada sujeito se insere. Conforme afirma Pesavento (2004, p. 2),

É a partir da experiência histórica pessoal que se resgatam emoções, sentimentos, ideias, temores ou desejos, o que não implica abandonar a perspectiva de que esta tradução sensível da realidade seja historicizada e socializada para os homens de uma determinada época. Os homens aprendem a sentir e a pensar, ou seja, a traduzir o mundo em razões e sentimentos.

A autora ressalta a inseparabilidade entre experiência histórica e elaboração sensível da realidade. Ao indicar que emoções, sentimentos, ideias, temores e desejos são resgatados a partir da experiência histórica pessoal, Pesavento (2004) reconhece que tais manifestações subjetivas não se dão de forma isolada ou puramente individual, mas são moldadas pelo contexto histórico-social em que se inserem. A historicização e socialização dessa “tradução sensível” indicam que as formas de sentir e pensar não são universais nem atemporais, isto é, elas são apreendidas, compartilhadas e transmitidas culturalmente, constituindo parte de um repertório simbólico que caracteriza cada época e sociedade. Assim, a sensibilidade não é apenas uma resposta espontânea a estímulos, mas um produto histórico e cultural que orienta a maneira como os sujeitos interpretam o mundo, articulando razão e emoção. Essa perspectiva é especialmente relevante para a compreensão da experiência docente em museus, na medida em que reforça que a percepção e a interpretação do patrimônio também se estruturam a partir de referenciais históricos, culturais e sociais, incorporados ao longo da trajetória de vida e formação do professor.

Em relação às sensibilidades, consideram-se todos os aspectos que compõem o ser sensível. Todos nós somos dotados de sensibilidades, independente se estas são manifestadas ou reprimidas. A intuição, a percepção e emoção, “são indissociáveis da mente” (Duarte Júnior, 2004).

A experiência dos alunos com a professora Márcia, ao mesmo tempo que despertou curiosidade e desejo de compreenderem sobre o processo de organização de um espaço preservado, causou-lhes constrangimento, especialmente considerando-se que a condição social dos estudantes não lhes dá oportunidade de vivenciar esta prática em sua vida cotidiana. Outro fator que restringe o acesso destes jovens a museus é o abismo que separa sua realidade e a que fora representada no cenário de visita — um espaço socialmente reservado ao acesso de “pessoas brancas e ricas”, radicalmente distinto de suas próprias vivências.

Nesse processo, razão e emoção se articulam para produzir significados que ultrapassam a mera observação estética, revelando como o encontro com o patrimônio

pode provocar reflexões críticas e afetivas profundamente enraizadas nas trajetórias de vida dos sujeitos.

A percepção do *seu lugar* na história da cidade, tanto da professora Márcia quanto dos estudantes, revelou uma contraposição à narrativa posta de construir, além de conhecimento, uma nova visão de mundo, a partir das sensibilidades manifestadas.

É importante ressaltar também que a professora foi capaz de incitar reflexões que culminaram em interpretações subjetivas, resultantes do confronto entre o que se vê e o que se viu; o que se sente e o que já sentiu; o que se sabe e o que se aprende em relação a um determinado objeto ou circunstância. Ou seja, interpretações subjetivas por não haver uniformidades ou interpretação única e sim reflexões e atribuições de sentidos, resultantes de múltiplas experiências imbricadas ao conhecimento, ou saber teórico (Rancière, 2005).

Foi também por meio das reflexões propostas pela professora que os discentes se posicionaram diante da história de construção da cidade em que moram. Ao buscar respostas às perguntas sobre o local utilizado para a edificação do Palácio, identificaram a posição de desfavorecimento em contraponto a privilégios, os quais são prioridade para governos, quando o assunto é política e governabilidade. E foi ali, naquele espaço suntuoso, cheio de história e poesia — transmitida por vídeos, por meio de uma apresentação inicial, de aspecto positivista —, que, a partir da intervenção mediadora, sensível e humanista, empreendida pela professora Márcia, os alunos foram capazes de encontrar a realidade subjacente, humanizadora e concreta.

Muito além das harmonias e formas dos objetos, os sujeitos empreenderam uma experiência sensível daquele espaço, que possui intensa representatividade política e expressa, ao mesmo tempo, grande parte da dinâmica da administração do erário público e suas prioridades, o que lhes proporcionou refletir sobre questões implícitas em cada objeto, cada quadro, cada parede, culminando na descoberta da ausência de si e dos que protagonizaram a maior parte daquelas construções, que foram os trabalhadores “sem nome”, “sem história”, “sem registro”. Pessoas que morreram durante a construção, por acidente, doença ou fome. Pessoas que existiram e que construíram o prédio, mas que não havia menção alguma a seu respeito; nem tão pouco se sabe sobre o destino de quem habitava o local antes da apropriação do espaço pelo governo para a construção do Palácio. Ausência de si mesmo, ao não ser possível se imaginar sentado à mesa de jantar com pessoas brancas e ricas, interpelando o governador sobre suas demandas.

Outro aspecto relevante durante a visitação foi a relação estabelecida entre a docente e os discentes, já que a empatia atuou como instrumento norteador das reflexões. A condição humana a qual antecede a condição de ambos, se estabeleceu com um vínculo de identificação sociocultural, a ponto de estudantes/docente reflexionarem juntos e proporem novas narrativas àquela visitação. O docente é um sujeito sociocul-

tural, historicamente construído, “cuja condição de existência, cuja origem primeira está na corporeidade que se inscreve, por sua vez, nas temporalidades do transcurso da existência humana, em rítmicas da vida bio-psico-social e nos ciclos vitais” (Teixeira, 2007, p. 430).

Desse modo, as ausências percebidas enquanto visitante e mediada por uma educação sensibilizadora, reforçaram a necessidade de se refletir sobre a dinâmica das visitas ao patrimônio histórico-cultural, uma vez que, infelizmente, ainda prevalece o modelo pragmático das mediações, pois, como já dito, o foco está no tempo de percurso em contrapartida ao tempo disponível para visitas. Aliado a isso, o fato de a proposta da programação cultural ter como objetivo a articulação de ideias, resultante da *apreciação estética e interpretação de significados*⁶ não oportuniza aos visitantes interpretar o cenário a partir de suas experiências e subjetividades.

Vale ressaltar que o episódio de visita ao Palácio junto com os jovens fez a professora reflexionar sobre a história contada, suscitando uma série de sentimentos relacionados à questão do poder e da submissão, criando percepções de mundo ao interagir com os objetos, discursos e imagens. Foi possível, também, ressignificar o patrimônio, considerando o contexto e a construção social dos sujeitos envolvidos e que estariam em contato com aquele local por meio da Aula-Passeio.

***Diz aí pessoa docente!:* a partilha de experiências entre professoras e professores de história**

Partindo do pressuposto de que os museus são espaços formativos e que os professores utilizam essas instituições para o ensino de História, foi desenvolvido o website⁷ *Diz aí Pessoa Docente!*, para o compartilhamento de experiências oriundas de Aulas-Passeio e de outros projetos realizados pelos docentes. O objetivo é promover o intercâmbio de ideias que originaram projetos diferenciados, capazes de despertar no estudante reflexões que auxiliem sua conscientização sobre o seu papel na construção da sociedade e da cidade em que habita, ajudando-o a dar sentido a sua experiência no tempo. Além disso, as visitas promovem a compreensão da dinâmica da vida em sociedade, dos valores e das submissões impostas, das hierarquias implícitas e explícitas, bem como das relações de poder presentes no processo de construção social.

Embora existam muitos recursos digitais com diferentes finalidades, este website, como recurso educativo, permite ao docente compartilhar, interagir e trocar ideias, além de propor novos projetos de visita. Oferece também visibilidade ao trabalho do professor e pode influenciar outros educadores a repensarem suas práticas, de forma a promover novas abordagens de ensino relacionadas às visitas ao patrimônio histórico e cultural, bem como estimular no aluno experiências sensíveis para a construção do conhecimento.



Sobre o intercâmbio de ideias, ratifica-se que o site é voltado para o público formado por docentes da disciplina História. No entanto, estará aberto para professores de outras disciplinas, os quais se interessem em divulgar seus projetos que tenham sido concebidos sob a perspectiva do que é apresentado no site. Deste modo, o website proporcionará a oportunidade de interação entre os colaboradores, através da comunicação de projetos culturais e adaptação destes para a comunidade em que atuam. No sítio eletrônico haverá recursos diversificados, como locais para debates em modo de fórum de discussão, galeria de imagens e de vídeos, postagens de textos didáticos e reflexivos e outros espaços disponibilizados aos grupos de educadores que se dispuserem a utilizá-lo.

O site foi desenvolvido em uma plataforma livre e gratuita, garantindo amplo acesso e facilidade de uso. Inicialmente, sua gestão ficará sob a responsabilidade da professora Márcia Fernandes, que centralizará a atualização dos conteúdos e o acompanhamento das interações. Entretanto, existe a possibilidade de migração para outras plataformas compatíveis, caso haja interesse e apoio de instituições educativas de incorporar e ampliar o projeto. A divulgação, assim como a apresentação da proposta pedagógica que fundamenta o site serão realizadas pela autora nas redes profissionais e acadêmicas nas quais atua, visando alcançar o maior número possível de docentes e demais profissionais da área. Esta medida potencializa o alcance do site e fortalece a rede de compartilhamento de experiências.

O acesso ao sítio eletrônico por parte do público-alvo se dará de modo livre e será liberado para interação e utilização dos recursos disponíveis em seu conteúdo. Haverá uma breve apresentação sobre o objetivo da plataforma, bem como artigos didáticos que tratem da importância da Educação sensível e sensibilidades partilhadas, como instrumentos capazes de gerar possibilidades de aprendizagem, além do compartilhamento de experiências e percepções acerca da interação do sujeito com o patrimônio histórico-cultural.

Para expor seu trabalho e suas experiências, o professor ou professora deverá enviar o relato a partir do endereço de e-mail disponibilizado no portal, em formato de formulário e, após revisão da coordenadora, e adequação ao formato de texto da plataforma, será disponibilizado para outros colaboradores, os quais poderão interagir, comentar e intercambiar ideias e solicitar o compartilhamento e aplicação dos projetos em outras comunidades escolares, observando a preservação da autoria destes trabalhos.

Haverá também sugestões de criação de percursos patrimoniais não convencionais, mas que possuam marcas históricas de grupos sociais não considerados nos processos de patrimonialização e que tenham sido suprimidos quanto a importância de sua memória histórica e de sua contribuição para a formação da sociedade.





O nome do site, “Diz aí, pessoa docente”, foi escolhido para ilustrar a ideia do protagonismo docente em relação à condução de projetos ou mediações culturais. Apesar de muitos destes projetos serem disponibilizados e programados pelas redes sociais e, além disso, os programas educativos de museus já contarem com mediadores nestes locais, a ideia é a de que o professor e a professora possam se interpor como mediadores sob a perspectiva da Educação sensível e partilhada. Ou seja, utilizar-se de suas experiências para suscitar questões-problema que sejam capazes de identificar as realidades dos seus alunos em consonância com sua própria realidade, conhecimento e experiência de vida. Deste modo, poderá desenvolver novas leituras, novas visões e reflexões oriundas da relação entre sujeito e patrimônio visitado.

Além disso, quando o docente toma para si o protagonismo das mediações, não subestimando ou diminuindo o trabalho do educador de museus, mas usando-se de suas experiências e sensibilidades para direcionar as ações durante o percurso a ser trabalhado, os resultados são ainda mais satisfatórios, pois o docente é quem determina o formato, as prioridades e as sensibilidades a serem trabalhadas com os estudantes.

Não existe um modelo rígido que oriente professores e professoras a alcançarem a excelência no processo de ensino-aprendizagem. A prática docente é atravessada por múltiplos desafios, que se iniciam na limitação dos recursos disponíveis — muitas vezes insuficientes para atender às expectativas e exigências estabelecidas pelo próprio sistema educacional nas diretrizes e bases da educação. Nesse contexto, o compartilhamento de experiências entre docentes, o diálogo sobre práticas e estratégias e o intercâmbio de ideias entre os diferentes sujeitos que compõem o universo da educação tornam-se elementos essenciais para o aprimoramento profissional. Essas trocas contribuem para a construção coletiva de soluções e para o fortalecimento das práticas pedagógicas, favorecendo o alcance do objetivo central da instituição escolar, que é promover a formação integral do indivíduo, contemplando dimensões políticas, socioculturais e humanistas.

Na proposta do website “Diz aí Pessoa Docente!”, não se pretende apresentar um recurso inédito, ou tecnologicamente inovador, especialmente considerando que, na atual era digital, há uma ampla oferta de ferramentas acessíveis a professores e alunos para diferentes níveis de conhecimento e demandas. O diferencial dessa proposta reside na criação de um espaço virtual que funcione como um ambiente de respiro para o educador — um espaço que permita pausar os compromissos de trabalho e flexibilizar a rigidez das obrigações cotidianas, inclusive aquelas relacionadas às interações sociais habituais. Ao se aproximar dessa concepção de pausa reflexiva, o website se alinha à perspectiva da formação sensível para uso dos museus, pois oferece ao docente um lugar de encontro consigo mesmo e com outros educadores, no qual seja possível acessar conteúdos, narrativas e reflexões que estimulem a percepção, a escuta, o olhar e a interpretação. Assim como no espaço físico do museu, a proposta é que esse am-



biente digital funcione como dispositivo de sensibilização e ampliação de repertório cultural, fortalecendo a autonomia interpretativa do docente e potencializando sua atuação mediadora junto aos estudantes.

No site, além de divulgar suas propostas de uso educativo dos museus, professores e professoras terão também a oportunidade de intercâmbio de experiências repletas de sensibilidades e poderá também ter contato com novos conceitos e perspectivas a respeito do patrimônio e museus, sua função social, seu significado intrínseco em relação à história de grupos privilegiados e outros desfavorecidos e outras pontuações que passam despercebidas quando a fruição dos espaços se limita à mera contemplação dos circuitos culturais.

A propositura do site parte do entendimento de que o compartilhamento de experiências entre pares pode reposicionar docentes e discentes como protagonistas das próprias vivências. Mais do que reproduzir papéis tradicionais, busca reconhecer docentes e estudantes como seres humanos que sentem, riem, choram, se angustiam e que se valem de sua humanidade para humanizar o outro. Nesse sentido, o ambiente digital é concebido como um território para a valorização da experiência sensível, no qual educadores e estudantes mobilizam sentidos, memórias e visões de mundo para inspirar e sensibilizar o outro na construção de novas compreensões sobre a realidade. Como lembra Larrosa (2002, p. 21), a experiência “[...] é o que nos passa, nos acontece, o que nos toca, não o que se passa, o que acontece ou o que toca”. Ao alinhar-se a essa perspectiva, o site se propõe não apenas como ferramenta de acesso a conteúdos, mas como espaço de encontro, reflexão e ampliação de repertório cultural, favorecendo uma formação docente sensível para o uso dos museus.

Considerações finais

A análise apresentada ao longo deste artigo evidencia que a formação docente, quando articulada à experiência sensível em museus e espaços de patrimônio cultural, potencializa, não apenas o repertório pedagógico, mas, também, o fortalecimento de uma mediação mais crítica, humanizada e situada. O estudo do relato feito pela professora Márcia Fernandes demonstrou que a autonomia interpretativa e a capacidade de dialogar com a realidade dos estudantes são elementos centrais para transformar uma visita institucional padronizada em um momento de aprendizagem significativa.

Ao elaborar o site “*Diz aí, pessoa docente!*” como espaço virtual de partilha e escuta entre professores e professoras, reafirma-se a importância do protagonismo docente na construção de narrativas educativas, que valorizem a dimensão sensível, as memórias sociais e as vivências culturais. Mais do que um repositório de relatos, o site se configura como território de formação continuada, capaz de inspirar novas práticas,

promover intercâmbios e fortalecer a autonomia de educadores no uso dos museus como cenários de experiência.

As reflexões apresentadas indicam a necessidade de políticas públicas e ações institucionais que incentivem a presença do professor nos museus, não somente como acompanhante de turmas, mas como sujeito aprendente, com espaço para fruir, refletir e ressignificar o patrimônio a partir de suas próprias referências. Ao ampliar as oportunidades de acesso e fomentar práticas colaborativas como as previstas no site, contribui-se para uma educação patrimonial que articula razão e sensibilidade, técnica e experiência, fortalecendo o papel do professor como mediador cultural crítico e criativo.

Por fim, reafirma-se que investir em espaços – físicos e digitais – que promovam a escuta e o compartilhamento entre pares é apostar em uma formação docente que reconhece a subjetividade, a diversidade de experiências e a potência transformadora do encontro entre educador, estudante e patrimônio cultural. Nesse sentido, o **“Diz aí, pessoa docente!”** não é apenas um recurso tecnológico, mas um convite ao diálogo e à construção coletiva de sentidos para a educação e para a história.

Referências

APPA - ASSOCIAÇÃO PRÓ-CULTURA E PROMOÇÃO DAS ARTES. *Conheça o palácio da liberdade*. Belo Horizonte: APPA, [2026]. Disponível em: <https://appa.art.br/palacio-da-liberdade/>. Acesso em: 19 maio 2026.

BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Educação. *Circuito de Museus*. Belo Horizonte: Secretaria Municipal de Educação, 2025. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/educacao/circuito-de-museus>. Acesso em: 17 ago. 2025.

BRAGA, Jezulino Lúcio Mendes. Desafios e perspectivas para educação museal. Dossiê: Museus de arte contemporânea no século 21. *Museologia & Interdisciplinaridade*, Brasília, v. 6, n. 12, p. 54-67, jul./dez. 2017.

BRAGA, Jezulino Lúcio Mendes. *Professores de História em cenários de experiência*. 2014. Tese (Doutorado em Educação – Conhecimento e Inclusão Social) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

CARVALHO, Cristina; GEWERC, Monique. Museu como espaço de formação cultural docente: o que os museus do Rio de Janeiro oferecem aos/as professores/as. *Educação, Sociedade & Culturas*, Porto, n. 66, p. 1–22, dez. 2023.

CUNHA, Márcia Fernandes da. *Diz aí, pessoa docente: web site para partilha de atividades educativas no ensino de História*. 2021. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. *O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível*. 3. ed. Curitiba: Criar, 2004.

FEIRA hippie. Belo Horizonte: BH Resolve, [2019]. Disponível em: www.feirahippie.com. Acesso em: 17 fev. 2019.

FUNDAÇÃO ITAÚ. *88% dos estudantes gostariam que houvesse mais atividades culturais nas escolas*. São Paulo: Fundação Itaú, 2025. Disponível em: <https://www.fundacaoitau.org.br/noticias/educacao/88-dos-estudantes-gostariam-que-houvesse-mais-atividades-culturais-nas-escolas>. Acesso em: 17 ago. 2025.

GATTI, Bernadete Angelina; BARRETO, Elba Siqueira de Sá (coord.). *Professores do Brasil: impasses e desafios*. Brasília, DF: UNESCO: Fundação Carlos Chagas, 2009.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa. *Professores de História: entre saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2007.

NÓVOA, António. *Profissão professor*. Porto: Porto Editora, 2003.

PEREIRA, Júnia Sales. Andarilhagens em chão de ladrilhos. In: FONSECA, Selva Guimarães (org.). *Ensinar e aprender História: formação, saberes e práticas educativas*. Campinas: Átomo & Alínea, 2009. v. 1, p. 277-296.

PEREIRA, Júnia Sales; BRAGA, Jezulino Lúcio Mendes. Museu e experiências docentes. *Ensino em Re-vista*, Brasília, v. 20, p. 83-94, 2013.

PEREIRA, Júnia Sales; ORIÁ, José Ricardo. Desafios teórico-metodológicos da relação Educação e Patrimônio. *Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura*, Campinas, v. 20, n. 23, p. 161-171, jan./jun. 2012.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. In: *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Paris, n. 229, 2004. Disponível em: <https://journals.openedition.org/nuevomundo/229>. Acesso em: 22 abr. 2026.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: Editora 34, 2005.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2011.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. Da condição docente: primeiras aproximações teóricas. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 28, n. 99, p. 426-443, maio/ago. 2007.

Notas

- 1 O site foi desenvolvido no Programa de Pós-graduação em Educação e Docência/ PROMESTRE da Faculdade de Educação da UFMG (<https://dizaipessoadocente.wixsite.com/oficial>).
- 2 Trecho retirado do texto de apresentação do programa Circuito de Museus.
- 3 O Projeto Aulas- Passeio é uma ação da Diretoria da Educação Integral, direcionado aos estudantes do Programa Escola Integrada, e consiste na promoção de visitas a espaços culturais, esportivos, recreativos, áreas de preservação ambiental, instituições científicas e militares, contribuindo para a apropriação da cidade, [...] (Belo Horizonte, 2025).
- 4 Feira Hippie foi uma denominação dada à feirinha idealizada por artistas mineiros que ocorria na Praça da Liberdade, a qual iniciou suas atividades em 1969. Vários artistas de inúmeras regiões de Minas expunham e vendiam seus trabalhos nesta feira, o que levou a Prefeitura de Belo Horizonte a reconhecê-la oficialmente em 1973, sendo denominada como “Feira de Arte e Artesanato e Produtores Variedades de Belo Horizonte”. Posteriormente, foi transferida para à Av. Afonso Pena, para preservação do patrimônio da Praça da Liberdade, ocorrendo sempre aos domingos. Foi considerada a maior feira de artesanato a céu aberto, na América Latina (Feira [...], [2019]).
- 5 A visitação foi promovida por meio dos programas educativos e de receptivo desenvolvidos pela APPA – Arte e Cultura ([link](#)) no Palácio da Liberdade, em Belo Horizonte. Informações sobre o projeto e as ações educativas realizadas no espaço podem ser consultadas no site da instituição (APPA, ([2026])).
- 6 Expressão constante na ementa das programações culturais do “Circuito de Museus”, em parceria com a PBH.
- 7 (<https://dizaipessoadocente.wixsite.com/oficial>).